

O TRADUTOR EXPERIENTE E NOVATO E A TRADUÇÃO DE TEXTOS INSTITUCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO

Simone Vieira Resende*
Rosane Augusta Fernandes*

“Embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades que singulariza o tradutor e o diferencia dos outros falantes bilíngues não tradutores.”
Amparo Hurtado Albir

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar o processo da tradução de materiais institucionais de universidades, tomando como modelo o material institucional da Universidade de Sydney. A investigação está baseada na análise do uso dos procedimentos de tradução feito por duas tradutoras, quando da tradução de um texto institucional. A relevância do trabalho reside na busca de diferenças e semelhanças entre as duas traduções, sendo uma tradutora mais experiente e a outra menos experiente no fazer tradutório, mas ambas competentes no domínio da língua fonte e da língua alvo. A pesquisa analisa as escolhas tradutórias utilizadas pelas duas profissionais por meio da análise da tradução e do diário de registro feito pelas duas durante as reflexões que tiveram ao longo do processo tradutório. A escolha do texto institucional se deve ao desafio que a tradução de textos técnicos impõe aos tradutores dessa área. A pesquisa lança mão da análise dos procedimentos técnicos da tradução, descritos por Heloisa Barbosa (2004), por meio da proposta de diferenciação entre o trabalho do tradutor experiente e do novato (ALVES, 2005). Resultados revelam diferenças pontuais no processo decisório registrado no diário e semelhanças na análise dos procedimentos destacados no produto tradutório. Pesquisas dessa natureza podem contribuir com as investigações no campo da tradução de textos técnicos, mas especificamente os textos institucionais (BENEVIDES, 2004; MOSSOP, 1990) e contribuir para o enriquecimento dos Estudos da Tradução Técnica no Brasil.

Palavras-chave: Tradução Técnica; Texto Institucional; Tradutor Novato; Tradutor Experiente; Procedimentos Técnicos de Tradução;

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the process of translation of institutional materials produced by universities, taking as a model the institutional material of the University of Sydney. The research is based on the analysis of the translation procedures of two translators while working on an institutional text. The relevance of the work lies in the search for differences and similarities between the two translations, one being a more experienced translator and the other less

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LAEL – GELC – SELEPROT - CAPES

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

experienced in translating, but both competent in the source and target languages. The research analyzes the translation choices made by both translators through the analysis of the translation product and the journal written by them during the reflections they had throughout the translation process. The choice to investigate institutional texts is due to the challenge they impose upon translators in this area. The research is based both on the analysis of technical translation procedures, described by Heloisa Barbosa (2004) and on the proposal of differentiation between the work of the experienced translator and the novice translator (ALVES, 2005). Results reveal specific differences in the decision process recorded in the journal and similarities in the analysis of the procedures highlighted in the translation product. This kind of study may not only contribute to investigations on translation of technical texts, but more specifically to the translation of institutional texts (BENEVIDES, 2004, MOSSOP, 1990) and enrich Technical Translation Studies in Brazil.

Key-words: Technical Translation Studies; Institutional Texts; Experienced Translator; Novice Translator; Translation Procedures;

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado, a importância da tradução tem crescido cada vez mais, bem como o número de estudos a seu respeito. O texto traduzido dá possibilidade a leitores de acesso a informação, em sua própria língua, sobre os mais variados assuntos no mundo inteiro. Além da escrita literária, a escrita institucional também começou a ser traduzida em enorme escala, garantindo a divulgação das instituições para países de interesses compatíveis, mas, muitas vezes, de culturas diferentes.

Uma das instituições que mais necessita se aventurar pelo mundo globalizado é a Universidade. Afinal, uma instituição aberta ao conhecimento de modo geral não pode ignorar o processo de globalização e precisa se integrar ao mundo. É o caso da Universidade de Sydney, que recebe alunos do mundo inteiro, inclusive do Brasil, para estudar em seus *campi* na capital australiana.

Esta pesquisa visa analisar o processo e produto da tradução de materiais institucionais de universidades, tomando como princípio o caso do material institucional da Universidade de Sydney, a primeira universidade da Austrália e até hoje uma das maiores universidades do continente australiano, famosa pela tradição de inovação e excelência. Esta pesquisa está baseada na análise do uso de procedimentos técnicos de tradução (BARBOSA, 2004) por duas tradutoras especializadas na área técnica, mais especificamente na tradução de textos institucionais. O corpus de investigação utilizado neste estudo é a tradução de um texto institucional da

universidade de Sidney, intitulado A Universidade de Sidney¹. A importância da pesquisa reside na busca de diferenças e semelhanças entre as duas traduções do mesmo texto, tanto o produto final como o processo usado pelas duas para produzi-lo. A análise é feita por meio da comparação das duas traduções, mais especificamente dos diários de bordo produzido pelas duas tradutoras durante o processo tradutório e também pela comparação das escolhas tradutórias feitas pelas duas, mas especificamente, a comparação dos procedimentos tradutórios (BARBOSA, 2004) identificados nos textos produzidos para este estudo de caso. As duas traduções foram realizadas por tradutoras competentes no domínio da língua fonte e da língua alvo e as características das duas são descritas a seguir.

A pesquisadora espanhola Hurtado Albir (2005) aponta que, apesar de existirem estudos empíricos comparando o desempenho do tradutor profissional com o desempenho de estudantes de tradução, ainda são poucos os estudos que investigam a questão da competência tradutória considerando ao mesmo tempo o processo e o produto da tradução. Este estudo de caso busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna.

Em um estudo quantitativo intitulado Ritmo Cognitivo, Meta-reflexão e Experiência, o pesquisador Fabio Alves (2005) investiga os parâmetros de análise processual no desempenho de sujeitos tradutores, classificados pelo autor como tradutores novatos e experientes, a partir da triangulação de dados processuais obtidos através do programa *Translog*, um programa capaz de registrar os toques dados pelo tradutor no teclado do computador. Ele foi criado por Arnt Jakobsen e Lasse Schou (1999). Seu trabalho tem como objetivo identificar uma correlação entre ritmos cognitivos, durabilidade textual e meta-reflexão, analisando o tempo e produção, a digitação e tudo mais que envolve o processo eletrônico de uma tradução. O estudo mencionado é de grande relevância para as pesquisas em tradução e juntamente com este estudo de caso, que vai analisar mais de perto a tradução realizada por duas tradutoras diferentes, eles vão também contribuir para generalizações a respeito do processo e o do produto tradutório. Teremos o estudo de Alves (2005) como uma referência, já que o estudioso do processo de tradução assim como o caso aqui investigado também compara o trabalho de tradutores novatos ao de tradutores experientes.

¹ <https://sydney.edu.au/>

Valendo-se da comparação entre os dois textos finais produzidos pelas tradutoras, juntamente com a análise dos diários reflexivos produzidos pelas duas, a pesquisa analisa os procedimentos técnicos utilizados pelas duas profissionais. Isso é possível devido ao diário feito por ambas tradutoras durante as reflexões que tiveram ao longo do processo tradutório. Como se vê, ao contrário do estudo de Alves (2005), este é um estudo qualitativo, preocupado em investigar o produto e o processo de tradução de forma detalhada, porém sem a contribuição dos dados qualitativos usados no modelo de Alves (2005). Apesar de diferentes, tanto a pesquisa quantitativa como a qualitativa são capazes de produzir dados relevantes para muitos tipos de pesquisas científicas.

Este trabalho é um estudo de caso, definido por Bell (1998, p.08) como “uma família de métodos de pesquisa tendo em comum a decisão de centrar o foco da pesquisa em torno de um evento.” Afinal, segundo o autor, às vezes, só é possível que se obtenha a interação de fatos e eventos, quando laçamos mão de um exemplo prático pelo qual possamos obter um panorama geral desta interação que buscamos compreender. Desta forma, este estudo utiliza a investigação deste caso de tradução como mais um exemplo que pode não somente contribuir, mas também ajudar a confirmar como os estudos de caso são importantes para o crescimento e fortalecimento da disciplina.

O caso apresentado nesta pesquisa é composto pela tradução de um texto institucional executada por duas tradutoras distintas e também classificadas como tradutora experiente e novata da mesma forma como no artigo de Alves (2005). A descrição completa dos sujeitos tradutores é feita na próxima seção deste artigo.

Para concluir, a pesquisa está dividida em três partes além dessa introdução, as considerações metodológicas, as questões teóricas e a análise dos dados. A pesquisa pretende contribuir com a atividade de tradução de materiais institucionais, fornecendo subsídios para tornar o trabalho tradutório mais facilitado, assim como para o avanço dos estudos da tradução.

1. Considerações Metodológicas

Esta pesquisa visa contribuir para os estudos da tradução através da comparação das diferenças processuais na tradução de um texto institucional. Esta comparação é feita tanto por meio de uma análise processual quanto pela análise do produto, qual seja o texto resultante desta

tradução. Tem como parâmetros o desempenho de dois sujeitos tradutores, um experiente e um novato, e também a caracterização dos procedimentos técnicos da tradução que serve de embasamento teórico para esta comparação.

Na obra *Pesquisa e Construção de Conhecimento*, Pedro Demo (2000, p.32), fala da dialética que envolve a pesquisa científica. É a interação entre a teoria e a prática que ajuda na construção do conhecimento. Através da pesquisa, há um questionamento sistemático, crítico e criativo da realidade para uma intervenção competente. Para Demo, é preciso que o pesquisador faça disto uma atitude cotidiana, atualizando-se quanto à teoria, lendo criticamente a realidade de seu trabalho, intervindo nesta de maneira inovadora. É exatamente o que propomos neste estudo é questionar o processo de tradução de maneira crítica e criativa para fazer da tradução uma tarefa mais eficiente e autônoma. Em outras palavras, buscamos aplicar uma parcela da teoria existente de tradução para ser agente de mudança e de inovação, de modo que os tradutores não sejam vistos apenas como técnicos mecânicos de tradução, mas profissionais conscientes de seu papel neste mundo globalizado.

Assim, determinado que nosso trabalho visa a pensar uma realidade para transformá-la, é preciso descobrir que paradigma nos serve melhor para este tipo de intervenção, o paradigma positivista ou o interpretativista. São duas visões muito diferenciadas: a primeira, baseada na ciência monotética, vê a realidade de um ângulo objetivo, e tem como crenças principais a relação entre a causa e a consequência, a previsibilidade do comportamento humano, a quantificação de dados a partir de variáveis controladas, além da generalização dos resultados obtidos. Por outro lado, o paradigma interpretativista baseia-se na ciência hermenêutica, centrado em observar a realidade como ela é crendo que o homem interpreta sua realidade e esta é dinâmica. O pesquisador procura compreender o que acontece naquela realidade e contextualiza sua pesquisa, levando em conta perguntas feitas sobre determinado assunto e, não uma hipótese fechada desde o início do trabalho (ANTUNES, 1993). Acreditamos que esta pesquisa deve procurar entender os processos de tradução e por isso pode contribuir com descoberta e exemplos para outras investigações tradutórias. O paradigma interpretativista pode nos proporcionar uma visão profunda e detalhada do processo de tradução de textos institucionais.

Como vimos na introdução a este trabalho, este estudo de caso prevê a comparação de duas traduções para a língua portuguesa de um texto institucional sobre a Universidade de

Sydney, na Austrália. Assim como no estudo pioneiro feito por Alves (2005), este estudo de caso também nomeia e classifica os sujeitos tradutores (ALVES, 2005, p. 126). Neste caso, o estudo envolve dois sujeitos de pesquisa com formação diferenciada. A primeira tradutora (T1, doravante) possui mais experiência profissional no campo da tradução e formação específica nesta área de estudo, enquanto a segunda tradutora (T2, doravante) possui domínio da língua inglesa e dos textos chamados institucionais, mas é uma tradutora novata, ainda inexperiente e não possui formação específica na área de tradução. Além dos símbolos T1 e T2 apresentados aqui, os sujeitos da pesquisa também são denominados tradutores experiente e novato conforme a necessidade de exemplificação em outros segmentos do trabalho. As duas tradutoras são do sexo feminino, possuem mestrado em linguística e foram escolhidas para a tarefa porque possuem competência bilíngue necessária para produzirem uma tradução de qualidade do inglês para o português. Contudo, as duas tradutoras (T1 e T2) diferem em níveis de experiência na prática tradutória (ALVES, 2005, p. 127), uma vez que a T1 mais experiente, que já trabalha para editoras de prestígio no país e tem publicações tradutórias nas áreas técnica e literária. Ela foi escolhida como exemplo de experiência consolidada e conseqüentemente, espera-se que possua competência em tradução distinta da T2. Resumidamente, tanto T1 como t2, constituem sujeitos apropriados para fins de contraste em termos de seus respectivos desempenhos como tradutoras.

Para desenvolver esta pesquisa, utilizamos como fonte o texto de abertura sobre a Universidade de Sydney publicado em uma revista institucional para futuros alunos. A partir deste texto fonte as duas tradutoras realizaram seu trabalho, fornecendo nosso segundo instrumento: as duas traduções, uma produzida por uma tradutora experiente e outra por uma novata. Cada tradutora, ao realizar a tradução, também se preocupou em comentar o processo de trabalho, registrando este processo em diários que serviram de base para nossa comparação entre os processos realizados por T1 e T2. Em seguida, o produto tradutório, ou seja, a tradução finalizada é analisada com base nos procedimentos técnicos escolhidos por cada uma das tradutoras, considerando o efeito das escolhas no público leitor da tradução. Os parâmetros utilizados para a comparação do produto final estão baseados na proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução (BARBOSA, 2004) visando não só a conscientização das semelhanças e diferenças entre esse par de profissionais diferenciados, mas também a caracterização desses sujeitos de pesquisa.

2. Considerações Teóricas

Com base na análise processual do desempenho de um sujeito tradutor novato e um sujeito tradutor experiente, nesta seção procuramos enfocar a questão dos parâmetros de comparação (processo e produto) utilizados por nós no decorrer desse trabalho. A discussão desenvolvida por nós incorpora na comparação dos produtos, os procedimentos técnicos da tradução analisados por Heloísa Barbosa (2004) e na comparação dos processos, alguns dos parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes discutidos por Alves (2005).

Para a comparação dos caminhos percorridos pela T1 e T2, nosso estudo lança mão dos conceitos elaborados no estudo “Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes”, do pesquisador Alves (2005). Neste artigo ele propõe alguns parâmetros de análise do desempenho processual de tradutores novatos e experientes, como por exemplo, a fase de orientação, definida por Alves (2005, p. 131) como sendo a fase de leitura e análise do texto a ser traduzido, em seguida a fase de redação, que seria a tradução propriamente dita e por último a fase de revisão. Ele analisa o processo de tradução de três tradutores com diferentes níveis de experiência (experiente e novato), e examina os textos produzidos a partir do conceito de durabilidade textual, que segundo ele tem relação ao tempo que cada tradutor gasta nas três fases de produção do texto, assim como as propriedades que os textos produzidos possuem, ou seja, coesão, coerência e adequação ao texto de partida, verificados ao final das duas últimas fases. Alves (2005) baseou sua pesquisa em três fases de produção do texto: a orientação, a redação e a revisão e então elaborou duas hipóteses de trabalho que foram confirmadas no final de sua pesquisa: a primeira diz que quanto maior for a experiência em tradução, maior será a durabilidade textual do texto produzido na fase de redação, e a segunda afirma que a fase de redação e de revisão são muito diferentes e que vão variar dependendo do grau de meta-reflexão e experiência dos sujeitos tradutores (ALVES, 2005).

Neste texto procuramos delinear algumas características (diferenças e semelhanças) do desempenho dos sujeitos desta pesquisa, com o intuito de não apenas mostrar que há uma diferença entre o texto produzido por um tradutor novato e o texto traduzido por um tradutor

experiente, mas também diagnosticar se os sujeitos novato e experiente utilizam os mesmos procedimentos de tradução para, assim, concluir o quão fundamental é, ou não, o conhecimento especializado para a prática tradutória. Na seção a seguir, características dos dois tipos de tradução serão diagnosticadas nessa comparação.

Durante a comparação do produto final das traduções do texto institucional é de fundamental importância conhecer a nomenclatura usada para denominar os procedimentos técnicos da tradução (BARBOSA, 2004) e para a comparação das fases processuais de T1 e T2, os parâmetros de análise processual (ALVES, 2005).

3. Os procedimentos técnicos de tradução (BARBOSA, 2004)

Em seu livro, *Procedimentos Técnicos da Tradução*, a autora tenta cooperar com os estudos da tradução e discute os modelos de tradução de Vinay e Darbelnet (1958), Tradução Direta vs. Tradução Oblíqua, Nida (1966) Equivalência Formal vs. Equivalência Dinâmica, os quatro modelos de Catford (1965), o de Vazquez-Ayora (1977), Tradução Literal vs. Tradução Oblíqua. Com a análise, ela percebe que todos seguem modelos próximos ao de Vinay e Darbelnet (1958) sem acrescentarem muito àquilo que fora descrito pelos primeiros. Seu segundo passo é, então, oferecer uma proposta nova de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução, combinando todos os modelos apresentados por estes autores.

Nesta etapa vamos relacionar os procedimentos técnicos da tradução que utilizamos na comparação das traduções. A nomenclatura listada facilita a compreensão destes procedimentos. Para guiar o leitor, “traduzimos” algumas siglas aqui utilizadas: LO (Língua Original), LT (Língua da Tradução), TLO (Texto na Língua Original), TLT (Texto na Língua de Tradução) e TO (Texto Original).

a) A Tradução Palavra-por-palavra

Barbosa (2004, p.66) a caracteriza como a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT (língua da tradução) mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO (texto na língua original). Ela também aponta que “a tradução de um texto e certa extensão jamais poderá ser empreendida palavra por palavra”.

b) A Tradução Literal

Barbosa (2004, p.66) considera a tradução literal como “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticais da LT”.

Ex.: *it is a known fact* → é um fato conhecido.

c) A Transposição

Segundo a autora, a transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir: ex.: *she said reproachfully* (advérbio) → (ela) disse desculpando-se (verbo). Para Barbosa (2004, p.67), o uso da transposição é obrigatório quando “é imprescindível para que a tradução se atenha às normas de LT, ou facultativa, quando é realizada por razões de estilo, como para se evitar o excesso de advérbios com sufixo *mente*, na tradução do inglês para o português, considerado deselegante e que, na minha experiência, constitui uma recomendação expressa dos editores brasileiros”.

d) A Modulação

A modulação, segundo Barbosa (2004, p.67), “consiste em reproduzir a mensagem da TLO no TLT, mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real...”.

Ex.: *like the back of my hand* → como a palma da minha mão.

e) A Equivalência

Segundo Barbosa (2004, p.67), a equivalência “consiste em substituir um segmento de texto da LO por outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”. Ela acrescenta, ainda, que o “procedimento é normalmente aplicado a clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos cristalizados da língua...”.

Ex.: *It's a piece of cake.* → É sopa.

f) Omissão e Explicação

As próprias palavras explicam. A omissão “consiste em omitir elementos do TO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos” (BARBOSA, 2004, p.68). É comum, por exemplo, omitir os pronomes pessoais na tradução do inglês para o português. Por outro lado, a explicação consiste em colocar elementos necessários a

compreensão do texto, e acordo com a T2 (no caso do pronome pessoal, a presença é obrigatória em inglês, por exemplo, já que só pelo verbo não se pode saber a que pronome ele se refere).

g) A Compensação

Este procedimento “consiste em deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor pode usar outro de efeito equivalente, em outro ponto do texto” (BARBOSA, 2004, p. 69). A ausência desses recursos estilísticos pode empobrecer o TLT.

h) A Reconstrução de Períodos

A reconstrução de períodos consiste numa nova divisão ou reagrupamento dos “períodos e orações do original ao passá-los para a LT” (BARBOSA, 2004, p.70). É o procedimento que procura, por exemplo, distribuir melhor as orações complexas de nossa língua em períodos mais curtos na língua inglesa ou, ainda, o contrário, quando for necessário.

i) As Melhorias

O tradutor deve estar atento a erros contidos no TLO e, segundo Barbosa (BARBOSA, 2004, p.70), corrigi-los.

j) A Transferência

Este procedimento consiste em “introduzir material textual da LO no TLT” (BARBOSA, 2004, p.71). A transferência pode assumir várias formas, como especificamos abaixo:

- i Estrangeirismo: “consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT” (BARBOSA, 2004, p.71-72). É também chamado de “empréstimo” por alguns autores;
- ii Transliteração: quando se substitui “uma convenção gráfica por outra, como no caso de *glasnost* (cf. Dubois et al., 1978, p. 601; Pei, 1966, p. 282), uma transliteração do alfabeto cirílico para o romano, e que não deve ser confundida com a transcrição fonética” (BARBOSA, 2004, p.73). Barbosa ressalta que este é um procedimento usado “em casos de extrema divergência entre duas línguas”.
- iii Aclimatação: “é o processo através do qual os empréstimos são adaptados à língua que os toma” (BARBOSA, 2004, p.73). Também denominado “decalque”, denomina o processo em que um “radical estrangeiro se adapta à fonologia e à estrutura morfológica da língua

que o importa”. A autora o classifica como um “passo além do estrangeirismo”, mas raramente realizado pelo tradutor (BARBOSA, 2004, p. 74).

- iv Transferência com explicação: quando acontece a transferência, mas não há como o leitor apreender o significado do termo pelo contexto, é “necessário acrescentar ao TLT procedimentos adicionais à transferência para proporcionar ao leitor um entendimento do significado do mesmo” (BARBOSA, 2004, p.74). Esses procedimentos podem ser notas de rodapé, notas no final do capítulo e notas ou glossário no final do livro ou ainda explicações diluídas no texto, na forma de “equivalente cultural” (ex. “*Night School*, o Supletivo americano”) ou “equivalente funcional”, livre de conotações culturais: ex. *High School* e Escola Secundária (BARBOSA, 2004, p.75).

k) A Explicação:

“Havendo a necessidade de eliminar do TLT os estrangeirismos para facilitar a compreensão, pode-se substituir o estrangeirismo pela sua explicação.” (p.75) Como no exemplo acima, que passaria a “... o Supletivo americano...”.

l) Decalque:

Para esta estudiosa da tradução, este é o procedimento que “consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT”. E lembra ainda que Newmark (1981) definia dois tipos de decalque: o empréstimo de tipos frasais propriamente ditos (*task force* → grupo tarefa) e o decalque empregado na tradução de nomes de instituições (INPS → *National Institute for Social Welfare*) (BARBOSA, 2004, p. 76). Alguns autores também interpretam decalque como aclimação do empréstimo lingüístico como visto anteriormente, muito pouco utilizado por tradutores.

m) Adaptação:

Segundo a autora, este é “o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere a TLO não existe na realidade extralingüística dos falantes da LT. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralingüística da LT” (p. 76). A autora cita como exemplo um trabalho em que foi obrigada a adaptar um texto americano à realidade brasileira, por exigência do cliente (p. 77).

Barbosa (2004, p. 108) revela, ao final de seu trabalho, algumas definições e conclusões sobre os autores estudados e as perspectivas apresentadas por eles. Ressaltamos aqui aquelas que

nos chamaram atenção pela conexão possível com nosso trabalho. Assim, podemos perceber que, a partir de uma concepção inicial dos procedimentos técnicos da tradução de Vinay e Darbelnet (1977), outros autores acrescentaram suas visões e, segundo Barbosa, sem parecer ter “logrado contribuir efetivamente para que o tradutor tivesse condições de realizar melhor a sua tarefa”. A autora destaca a posição de Nida, a nosso ver muito compatível com a preocupação de nosso trabalho: o modelo comunicativo é aplicado à tradução, de tal maneira que acrescenta aos procedimentos apresentados a importância da figura do leitor e o que ele pode apreender do texto traduzido. Barbosa (2004, p. 108) aponta que Nida, em vez de propor um “confronto entre duas línguas, orquestrado por um autor ausente, mas plenipotenciário, seu modelo introduz na tradução as figuras do leitor e do próprio tradutor como intermediário no processo comunicativo”. Barbosa (2004, p.109) afirma que os poderes do autor diminuem e se curvam às necessidades do leitor, o que ela considera vital, já que elimina a tradução tão fiel ao original e valoriza a figura do tradutor. Também complementando as teorias de Vinay e Darbelnet (1958), Newmark (1981) introduz outros conceitos para nós e para Barbosa muito importantes: a teoria das funções da linguagem, da tipologia dos textos e da finalidade das traduções. Nas palavras da pesquisadora, estas teorias são onde:

está a chave para a solução da tensão entre a tradução literal e não literal, que é, ao mesmo tempo, a tensão entre conteúdo e forma. Isto porque é a definição destes fatores que permitirá a decisão de qual modo de traduzir será adequado em cada caso. Conforme o foco se deslocar ao longo desses elementos será escolhido o modo de traduzir adequado, não dicotomicamente entre tradução literal e não literal, mas passando por toda uma gama de modos de traduzir variados, que se encontram entre estes dois pólos: mais literal se o foco recair sobre o autor, menos literal se cair sobre o leitor, e assim por adiante” (BARBOSA, 2004, p. 109).

No decorrer da comparação entre os dois sujeitos tradutores apresentados na próxima seção será possível detectar esta negociação infundável que o tradutor faz quando das escolhas e decisões que toma na hora de produzir o texto.

A caracterização dos procedimentos técnicos permitiu compreender melhor a atitude das tradutoras em relação ao texto fonte. Para além dos procedimentos, os conceitos de ato comunicativo e da finalidade da tradução, circundam todo o processo tradutório e nos levaram a pensá-lo qualitativamente.

4. Os parâmetros de análise processual (ALVES, 2005)

Para comparar as etapas tradutórias realizadas por T1 e T2, escolhemos observar como as duas caracterizaram em seus diários as três fases descritas por Alves (2005, p. 133) como sendo fundamentais no processo tradutório: a fase de orientação, a fase de redação e a fase de revisão. Em um primeiro momento, as anotações feitas nos diários das tradutoras foram analisadas para identificar quanto tempo cada uma delas gastou nas três fases. Segundo Alves (2005, p. 147), este desenho dividido em três fases pode servir de parâmetro de análise do desempenho processual de tradutores novatos e experientes a partir da relação dos seus processos e de suas traduções. Neste estudo de caso, seguimos o parâmetro da análise processual de acordo com a divisão em três fases e para a análise do produto, usamos os conceitos de procedimentos tradutórios já descritos na seção anterior. No caso da investigação realizada pelo professor Fabio Alves (2005), foi possível concluir que quanto mais alto é o nível de reflexão do tradutor sobre o trabalho, ou seja, quanto mais tempo ele gasta nas fases um e dois, maiores são as chances de produzirem um texto com a durabilidade textual esperada no decorrer da fase de redação. A redação e a revisão são fases distintas com processos bastante diferenciados que, segundo o autor, variam dependendo do grau reflexão e experiência dos sujeitos tradutores.

Para Alves (2005, p.147), o conhecimento especializado, neste caso a competência em tradução, aumenta ou diminui de acordo com graus de experiência, ou seja, a competência tem uma relação íntima com a prática do fazer tradutório.

5. A tradução fluente, o Discurso e o texto institucional:

Quando a tradução é tomada como um ato comunicativo, é preciso levar em conta o papel do tradutor e do leitor, bem como o efeito do texto sobre o último. Para o pesquisador Lawrence Venuti,

uma tradução fluente é aquela que utiliza um inglês atual em vez de arcaico, que seja amplamente utilizado, em vez de especializado, e que seja padrão em vez de coloquial [...] é imediatamente reconhecível e inteligível, familiar, domesticada, não “desconcertantemente” estrangeira (VENUTI apud CASTRO, 2007, p. 92).

Castro (2007, p. 92) argumenta que, “para o teórico, a idéia por trás da estratégia de domesticação é a de que se garanta que o texto traduzido seja transparente, ou seja, que soe ‘natural’, ‘fluente’ como se não fosse uma tradução”. Para Venuti, quanto maior for a

aproximação do texto final com a língua alvo e sua cultura, sem qualquer obstáculo para o leitor, menor será sua proximidade com a cultural original.

Por outro lado, Castro (1995, p.95) defende a estrangeirização como uma alternativa ao texto domesticado. Para ele, “o tradutor deve trazer o leitor para perto do texto original e não domesticar o original para que fique mais acessível ao leitor”. Desse modo, a tradução seria lida como tradução e permitiria a transmissão da diferença, deixando marcas da cultura original no texto final. A estrangeirização permite ao leitor, então, entrar em contato com a cultura representada no texto original, sem facilitar o seu entendimento a cada passo da leitura.

Apesar de o trabalho de Venuti (1995) dizer respeito a textos literários, suas observações, pensadas para o texto institucional, nos deixam no ar uma pergunta: quanto mais próximo do imaginário da cultura alvo, pode-se dizer que manteremos menos dos valores e da cultura fonte no texto final? Este questionamento nos remete ao artigo de Mossop – *Translating Institutions and Idiomatic Translation* (1990, p. 345). Neste, o autor discute a relevância da tradução idiomática e a divulgação de valores e objetivos da instituição a qual o texto está vinculado. Segundo Mossop (1990, p.345), o termo tradução idiomática cobre as traduções que transmitem as mensagens do texto fonte da mesma maneira que um escritor do texto alvo o faria, sem a preocupação de como isso acontece no texto fonte, por meio da correta escolha das palavras e da estrutura sintática. Além disso, como esta parece ser tomada corriqueiramente como a tradução mais correta, ele enfatiza que não as considera corretas, visto que “as traduções mudam o significado, mesmo quando – dados treinamento, documentação, tempo e cuidado suficientes – ele pode ser preservado”.

Transportando para a realidade institucional, o autor lembra que “toda tradução acontece em um contexto institucional, assim como outras formas de escrita (Williams apud Mossop, 1990, p.343)”. Mossop sugere que a tradução idiomática da instituição transforma o significado, não apenas no sentido de adaptação ao leitor alvo, mas no sentido de fazer com que a tradução sirva aos propósitos da instituição. Assim, para traduzir uma instituição, ou seja, um texto técnico institucional que represente a instituição, é preciso que o tradutor tenha a imagem da instituição em mente – e se planeje o discurso que a represente – sem esquecer que é necessário preservar no texto final os valores da organização, sua missão e seus objetivos, ainda que seja *mister* ser fiel ao texto original e adaptá-lo ao leitor-alvo.

Em outro momento, pensar a tradução de acordo com o tipo de texto e sua finalidade, nos remete aos estudos de Gee (2001, p.25) definindo *Discourse* (Discurso com D maiúsculo). Para o autor,

discursos sempre envolvem mais que linguagem. Sempre envolvem a linguagem coordenada com modos de agir, interagir, atribuir valor, acreditar, sentir, em conjunto com corpos, roupas, símbolos não-linguísticos, objetos, ferramentas, tecnologias, épocas e lugares. (GEE, 2001, p.24)

Ou seja, o discurso revela mais do que a própria palavra, mas valores, sentimentos e conotações simbólicas que extrapolam a fala ou a escrita. Então, para cada texto a ser traduzido, um discurso diferente, que precisa ser levado ao leitor de outra língua.

Transportando para nosso estudo de caso, onde se faz a tradução de um texto institucional, cabe defini-lo para identificar de que tipo de texto nós estamos falando e qual sua finalidade.

O texto institucional faz parte da gama de materiais de comunicação dirigida produzida por uma instituição para divulgá-la. “Por meio dela [a comunicação dirigida] uma empresa poderá transformar sua atuação ao produzir informação, formar conceitos e operar mudanças na vida de pessoas envolvidas em qualquer dos processos produtivos, do público interno aos consumidores” (BENEVIDES, 2004, p.169).

Estes textos podem estar em folhetos, folders, catálogos, portal da universidade na internet, entre outros meios de comunicação dirigida. Como bem observa Benevides (2004, p. 170), “seja qual for a estatura da organização, os instrumentos impressos registram sua história diária, servem aos propósitos imediatos e são capazes de estimular valores da instituição em seus públicos, criando condições para um bom relacionamento”.

Desta forma, neste estudo, as traduções utilizaram alguns procedimentos de tradução visando à produção de um texto fluente na língua portuguesa, para facilitar a compreensão do leitor em seu objetivo maior, qual seja neste caso, informar sobre a Universidade de Sydney.

6. Análise dos Dados

A Comparação dos Sujeitos Tradutores

A seção de análise dos dados apresenta as discussões que guiam o objetivo final deste estudo, qual seja a comparação das traduções do texto sobre a Universidade de Sydney,

realizadas pelos dois sujeitos tradutores. A partir de agora, trataremos como tradutora 1 (T1) a tradutora experiente e como tradutora 2 (T2) a novata.

Cabe ressaltar de que maneira as tradutoras trataram seu trabalho: em cada diário, a respectiva tradutora aponta dúvidas sobre palavras e expressões a serem traduzidas e qual a decisão lexical tomada para substituir o vocábulo ou expressão da língua fonte. A partir desses apontamentos, destacamos as decisões e os padrões que afetam a compreensão do texto ou que enfatizam as diferenças de trabalho entre as duas tradutoras.

Outro ponto relevante encontrado no diário foi o fato de que apenas T1 registrou ter usado as três fases, ou seja, as três etapas do processo tradutório de forma diferenciada, tendo dedicado tempo para a leitura e interpretação, o que Alves (1005, p.131) chama de orientação e também ter separado as duas últimas fases em processos distintos como o processo de redação, a escrita da tradução e o processo de revisão. Dividimos a análise dos dados em categorias para que o leitor tenha uma idéia do conjunto do trabalho.

a) Nomes próprios:

Este tópico está sempre em destaque nesta tradução, o surgimento de nomes próprios, sejam eles de cidades ou de localidades ou, ainda, organizações. As perguntas das tradutoras envolvem o traduzir ou não e, se traduzir, de que maneira. Neste tópico, as duas tradutoras tiveram esta dúvida. Vejamos como resolveram trabalhar.

- i *Association of Pacific Rim Universities (APRU)*: T1 optou pela técnica de transferência com explicação do termo. T2 realizou uma tradução literal da expressão, sem explicação;
- ii Nomes das universidades da *APRU*: T1 repete os nomes em inglês, num procedimento chamado transferência/estrangeirismo, em vez de inventar ou adaptar nomes que não sejam os mais usados e conhecidos no Brasil. Ela justifica que são palavras cognatas e nomes próprios, por isso prefere mantê-los em inglês, sem esquecer que palavras de outro idioma no texto em português devem aparecer em itálico. T2 decide novamente pela tradução literal do termo.
- iii *Academic Consortium 21 e Worldwide University Network (WUN)*: como aconteceu com a *APRU*, T1 optou pela técnica da transferência com explicação. T2 segue fazendo a tradução literal do termo;

- iv *The Times Higher Education Supplement (THES)*: T1 explica que, por serem publicações estrangeiras vale a transferência, a não ser que o público-alvo já esteja familiarizado com os termos. T2 utilizou a transferência com explicação, introduzindo uma glosa intratextual para completar o termo para conhecimento do leitor ou apenas lembrá-lo do significado do termo. Assim, T2 substituiu *The Times* por "o Jornal Britânico *The Times*" e *Newsweek* por "a Revista *Newsweek*";
- v *New South Wales, Queensland or Victoria*:
 T1 decidiu por proceder a tradução literal dos termos, localizando-os em dicionários bilíngües *on line*. Deste modo, "New South Wales no Babylon é traduzido como: *New South Wales*: Novo País de Gales (distrito no sudeste da Austrália)". Nosso questionamento é de que esta tradução omite a palavra *South*, apontada por T2. Para *Victoria* T1 encontrou: "é a definição do dicionário Babylon: *Victoria*: s. rainha Vitória (1819-1901), rainha da Grã-Bretanha entre 1837 e 1901; o maior lago da África; estado no sudeste da Austrália; capital da British Columbia (Canadá); capital e porto de Hong-Kong; nome próprio feminino". Ao final, T1 decide por *Novo País de Gales, Queensland e Vitória*.
 T2 se perguntou se os traduziria e optou pela tradução de acordo com seu conhecimento prévio do mundo em geral e do "mundo institucional", além do que considera razoável em termos tradutórios para seu público-alvo. Assim, para T2 temos: *Nova Gales do Sul, Queensland ou Victoria*. Acrescenta que, para *Queensland* uma tradução literal (Terra da Rainha) não levaria a um texto mais fluente em língua portuguesa, muito menos facilitaria a procura do leitor pelo termo em enciclopédias ou *internet*.
- vi *The International Office; the International Student Support Unit (ISSU); the Sydney University Postgraduate Representative Association (SUPRA)*: Neste caso, estas profissionais se utilizaram do procedimento da transferência com explicação. T1 justifica a escolha já que "é uma unidade específica da universidade de Sidney." T2 não justifica a opção e não mantém o padrão seguido anteriormente, que era apenas realizar a tradução literal.

b) Termos Institucionais:

Quando analisamos a tradução destes termos, percebemos que, para além do trabalho de tradução, a visão de mundo e o conhecimento específico também auxiliam o tradutor nesta tarefa.

- i Vice-Chancellor and Principal:* T1 demonstra achar importante a consulta ao dicionário, "já que certamente esse tipo de título é diferente no Brasil - “*vice-chancellor*” no dicionário Michaelis é: “vice-presidente; vice chanceler” . T1 usa, mais uma vez, o procedimento da tradução literal e substitui *vice-chancellor* e *principal* por “Vice-presidente” e “Diretor”, respectivamente. T2, após ter analisado o termo, percebe que, para este, o vocábulo mais comum em universidades no Brasil é reitor, escolhido para substituir toda a expressão, fazendo uso do procedimento de equivalência, remetendo outra vez ao registro do seu dia-a-dia de trabalho como chefe de cerimonial – uma das tarefas específicas de um relações públicas – na Universidade;
- ii staff-to-student ratio:* T1 localiza no dicionário os significados dos vocábulos *ratio* e *staff*, atendo-se ao que aquele apontou, ou seja, realiza uma tradução literal, chegando aos termos proporção e corpo-docente. Para T2 não houve parada, já que para ela este tipo de construção está presente no seu dia-a-dia em expressões como relação candidato-vaga no Vestibular. Portanto, no seu vocabulário institucional, o mais correto foi sua opção por relação professor-aluno. Neste termo, o procedimento utilizado se chama equivalência.

c) Cursos:

Estes termos parecem seguir o padrão dos mencionados acima. T1 prefere o caminho mais literal e T2 opta por uma tradução mais idiomática (MOSSOP, 1990, p. 343), aproximando-o do contexto da língua alvo. Porém, fazer o texto mais próximo da cultura alvo – que Venuti (1995) chama domesticar o texto - pode levar a alguns erros de tradução, se não for uma tarefa realizada de forma mais profissionalizada.

- i Professional Accounting:* em língua portuguesa, não se encontra nomeando um curso superior de Contabilidade o termo *professional*. A partir disso T2 baseia sua decisão de omitir o termo profissional e chamá-lo apenas de Contabilidade. Desta maneira, domestica o texto, tornando-o mais próximo do estudante brasileiro. T1 mantém o adjetivo atrelado ao termo no texto final, assim como o termo estrangeiro, modificando a fluência do texto em português;

- ii Policy Studies*: apesar de escolhas diferentes, o sentido da expressão parece não ser diferente nas duas traduções. T1 escolheu usar o procedimento da omissão do termo *Studies*, chegando ao termo *Política*. T2 decidiu manter *Estudos Políticos*. Ainda que soe literal em demasiado, é o termo mais próximo da realidade dos cursos universitários brasileiros, onde T2 privilegiou a fluência textual;
- iii Documentary Photography*: a escolha do procedimento técnico foi o mesmo para as duas tradutoras: a tradução literal; há apenas uma diferença entre as duas opções: o uso da preposição. T1 optou por *Fotografia de Documentário*, enquanto T2 preferiu *Fotografia para Documentário*. T2 acredita que, como o curso é voltado à formação do aluno para a criação de documentário, a preposição *para* pode facilitar a fluência do texto. T1 pensou na posição substantivo-adjetivo, como no caso genitivo, onde documentário fosse uma característica de fotografia, ou seja, esta não é uma fotografia qualquer, é uma fotografia de documentário. Sendo esta apenas uma questão de escolha de vocabulário que não altera o significado.
- iv Public Affairs*: outro curso causa divergência na tradução das duas profissionais e surpreende pelos resultados. T2 traduz como *Assuntos Governamentais* enquanto T1 traduziu como *Relações Públicas*. Verificando o material institucional da Universidade de Sydney, o resumo do programa do curso está muito mais próximo do segundo que do primeiro. Vale salientar que a formação principal de T2 é *Relações Públicas*, o que denota a profissional não ter recorrido ao material antes de traduzir o termo, além de ter se mantido mais próxima do literal quando escolhe *governmental* para substituir *public*. O que chama a nossa atenção neste momento é que, talvez pela sua falta de experiência em tradução, T2 decidiu utilizar apenas sua intuição e conhecimento do dia-a-dia, sem prezar por uma linha de trabalho mais técnica e sem planejamento prévio. Sem a pesquisa, parece mais fácil acorrer à técnica da tradução literal; o que parece, em nosso estudo, ser inerente ao tradutor novato. A seguir, o resumo do programa do curso:

Summary

The program in Public Affairs provides focused and in-depth scrutiny of relationships between business, government, non-government organisations and their internal and external stakeholders. The courses aid the analysis and understanding of: the framework and systems where these interactions occur; issues of

principle and strategy that may arise; factors that effect an organisation's ability to operate efficiently and effectively in both its internal and external environment; the strategic management of issues, responses and the role of the media; the ongoing importance of clear and precise communication; and corporate citizenship and social responsibility. (p. 19)

d) Outros casos importantes:

Neste tópico temos outros tipos de termos que não possuem uma categoria em comum como os anteriores. Para cada um deles há um comentário sobre o caminho utilizado pelas profissionais da tradução.

- i leading Australia:* Para T1, houve a necessidade de buscar definições de *leading* no dicionário, optando por: **líder**, que seria, em sua opinião, uma construção melhor em português (procedimento: reconstrução de períodos). T2 não se preocupou com tal vocábulo e utilizou o gerúndio tal qual o original. Apesar de este não ser o padrão de T2, a tradução literal parece não influenciar a mensagem, porém não enfatiza liderança como a escolha de T1;
- ii Excellent Research:* as duas tradutoras optaram por não substituir *excellent* por excelente ou de excelência, para evitar a repetição. Curioso é que não escolheram a mesma opção lexical. T1 optou por "de qualidade", enquanto T2 decidiu por "de ponta", provavelmente influenciada por sua vivência pessoal com textos universitários. Mais uma vez, as tradutoras utilizaram o procedimento chamado equivalência;
- iii Course of study:* com construções bem diferenciadas, as tradutoras escolheram não manter a expressão ao pé da letra. Ainda assim, T2 se utiliza da omissão do termo estudo para não tornar o texto redundante. T1 faz uso da equivalência para manter a mesma estrutura sintática do original campo de estudo;
- iv Leading graduates:* T1 aponta que decidiu traduzir *graduates* como alunos, depois de ler um pouco sobre a definição da palavra em diferentes dicionários e descobrir que, para diferentes falantes da língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos, a definição é bem diferente. T2 se pergunta se egressos ou graduados. Em sua experiência universitária alunos que já deixaram os cursos de graduação da universidade são chamados de egressos. Por isso, sua escolha. Neste termo o

procedimento técnico utilizado pelas duas profissionais é a equivalência, porém com escolhas lexicais diferentes;

- v *Global rankings*: para T1, traduzir a expressão como entre as universidades do mundo, deve tornar o texto mais fluente em português, concordando com o começo da frase, quando se refere à posição da universidade. Para T2, apesar de procurar o significado da palavra ranking, optou por mantê-la em inglês. Sendo esta uma palavra muito utilizada nos meios de comunicação, faz com que, mesmo no Brasil, ela se refira a classificações reconhecidas, como o ranking dos cursos de medicina das universidades do sudeste ou o ranking das escolas com melhor desempenho no Enem. No caso de T1 o procedimento usado foi a omissão, tendo T2 optado pela transferência (neste caso, o estangeirismo ou empréstimo);
- vi *Highly sought*: ao procurar no dicionário, T1 encontra a expressão “*sought after*: adj muito procurado, em grande demanda”. Através desta expressão, ela chega à construção amplamente requisitados, expressão que chama a atenção do leitor para o que vai encontrar na Universidade. T2 propõe a expressão muito solicitados, não é muito diferente do que escolhido pela T1. As duas tradutoras usaram o procedimento da equivalência;
- vii *Excel*: T1 traduz o termo como *exceder*, numa tradução literal, em oposição à escolha de T2, por equivalência: sobressair. A segunda opção parece dar mais fluência ao texto e parece dar-lhe mais veracidade no contexto apresentado. Para a língua portuguesa, o termo *exceder* pode ter sentido pejorativo e pode prejudicar o entendimento do leitor. Por outro lado, para este material a idéia de *sobressair* atrai mais a atenção do leitor;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a comparação entre as traduções, nosso estudo se concentrou nos procedimentos utilizados pelas tradutoras para a substituição dos nomes próprios, termos institucionais, cursos e outros casos considerados importantes para este estudo de caso.

Nestes casos, o procedimento mais utilizado pelos sujeitos de pesquisa foi o chamado tradução literal. T1 o utilizou cerca de sete vezes e T2 seis vezes. Trata-se de um dado muito

importante para nossa análise. Vale ressaltar que independente do nível de experiência, ambas tradutoras utilizaram praticamente o mesmo número de vezes o procedimento da tradução literal. Alves (2005, p.146) considera interessante observar como a questão do “literal” está impregnada no discurso do tradutor sobre sua prática. Independente do nível de experiência, os relatos dos dois diários produzidos por T1 e T2 revelam como este é um ponto de orientação para reflexão dos sujeitos.

Apesar do carácter qualitativo deste estudo de caso, podemos considerar como complementar o aspecto quantitativo das escolhas tradutórias registradas nos diários de t1 e t2. O procedimento de equivalência aparece logo depois: T1 o utilizou quatro vezes enquanto T2 o utilizou seis vezes, seguido pelo procedimento de transferência: quatro vezes utilizado por T1 e três vezes utilizado por T2. Os procedimentos chamados de transposição, modulação e omissão foram utilizados apenas uma vez pelas duas tradutoras, sendo o procedimento chamado adaptação, unicamente utilizado por T2.

Surpreende, neste estudo, não os números em si, mas a proporção entre eles. Afora um único procedimento, o de adaptação, usado apenas por T2, os outros procedimentos possuem números bem próximos e, portanto, não demonstrariam, de fato, nenhuma diferença entre a tradutora novata e a experiente. O que realmente faz diferença é observar em que parte do texto certos procedimentos são utilizados por cada um dos sujeitos tradutores e de que maneira.

Por exemplo, nos textos de T1 não há tradução de nomes próprios. Sempre que possível, ela se mantém fiel à estrutura gramatical e de colocação da língua original, mantendo este padrão. À luz das idéias de Venuti (1995), podemos dizer que T1 escolheu não domesticar seu texto em prol de uma aproximação maior com a realidade do texto institucional na cultura fonte, com o que o aluno deve encontrar na Universidade de Sydney. De acordo com Mossop (1990), podemos dizer que, desta forma os valores da instituição seriam mais propagados ao serem preservados os nomes próprios originais e a estrutura da língua.

Neste mesmo contexto, T2 prefere traduzir os nomes próprios, procurando o contexto mais próximo da cultura-alvo e transfere apenas termos já consagrados na língua de tradução (como *ranking*). É provável que essa atitude tenha a ver com seu trabalho como relações públicas, redatora de textos institucionais de comunicação dirigida.

Este tipo de texto deve estar preocupado com a divulgação de uma instituição. Porém, a rapidez na informação e uma integração maior entre o leitor e a organização, neste caso, a universidade, são essenciais.

Por outro lado, ao traduzir o texto pensando neste diálogo, a tradutora inexperiente não deve ter percebido que, neste processo, ao aproximar o leitor do entendimento do texto, ela pode havê-lo distanciado dos elementos mais originais da Universidade de Sydney. Desta maneira, quando o aluno de uma universidade brasileira fizer a leitura do material australiano, pode desinteressá-lo o fato de a instituição de ensino superior parecer-se muito ao que ele já conhece de uma organização deste tipo no Brasil. Assim, se seu objetivo era ressaltar as qualidades e valores de Sydney, fica a pergunta, seria melhor fazer o leitor “estranhar” o texto para reconhecer as boas ofertas de Sydney ao aluno de terras estrangeiras?

Ainda sobre as diferenças entre as duas profissionais da tradução, notamos que T1 mantém um padrão de uso de procedimentos centrados na estrutura que a língua original apresenta, como, por exemplo, quando pesquisa a frequência com que uma palavra é usada como na escolha da grafia da palavra Sydney ou Sidney, ou mesmo quando se preocupa em deixar os nomes das universidades em inglês, já que os mesmos não possuem um referente consagrado em português, ao invés de inventar um nome em português “facilitando” o trabalho do leitor. T2 tem um padrão contrário, mas este foge a seu controle quando ela apenas confia que seu conhecimento de mundo vai ajudá-la. Falta-lhe, então, por esta confiança que tem no conhecimento do assunto, estabelecer um planejamento, optar por uma linha mais técnica de trabalho, como quando não acha necessário pesquisar o termo *public affairs*, traduzido por ela como assuntos governamentais, ou quando ainda se questiona se deve ou não traduzir os nomes próprios sem ao menos pesquisar se os mesmos já foram traduzidos ou publicados antes, ainda que seu conhecimento de mundo a ajude a desvendar alguns termos que surgirem, como por exemplo, quando traduz *vice-chancellor and principal* por reitor.

Acreditamos, assim, que aquilo que difere a tradutora experiente da tradutora novata pode ser o início do trabalho, marcado por planejamento e grande esforço de pesquisa sobre o tema a ser traduzido. Alves (2005, p. 147) afirma que quanto mais alto for o nível de reflexão e a experiência em tradução, maior será a durabilidade textual do texto produzido na fase de redação.

Ele também conclui que o conhecimento especializado, neste caso a competência em tradução, aumenta ou diminui de acordo com graus de experiência.

Este estudo de caso foi iniciado na tentativa de colaborar com os estudos da tradução, fornecendo subsídios para o trabalho do tradutor a partir da comparação entre duas traduções para o mesmo texto institucional.

Para tanto, utilizamos como base teórica os procedimentos técnicos da tradução, de Heloísa Barbosa (2004), a proposta de diferenciação entre o trabalho do tradutor experiente e do novato, em pesquisa de Fabio Alves (2005), além de referências ao texto institucional (BENEVIDES, 2004), à tradução de textos com cunho institucional (MOSSOP, 1990) e, ainda, a domesticação ou estrangeirização de textos traduzidos (VENUTI, 1995). Com esta base, analisamos os textos finais de tradução do mesmo texto, uma apresentação da Universidade de Sydney, pelas duas tradutoras – uma experiente e outra novata. Na comparação, à primeira vista, com a contagem dos procedimentos utilizados por ambas profissionais, parece que possuem o mesmo padrão de atitudes de tradução em relação ao texto. Analisando a comparação mais de perto – interesse primordial deste estudo –, percebemos que a tradutora experiente se preocupa em manter no texto final termos originais, além da estrutura da língua de partida. Esta profissional se manteve fiel às raízes do texto, fazendo com que o leitor o “estranhasse” um pouco, mas pudesse se encantar com a diferença. No que tange o processo, verificamos que o registro no diário feito pelas tradutoras é bem diferente. A T1 gastou mais tempo no processo de leitura e revisão do texto, enquanto a T2 não registrou em seu diário nenhuma consideração sobre as fases da tradução, tratando as três etapas de forma única.

Por outro lado, a tradutora novata se aproveitou de sua vivência diária com textos institucionais universitários e aproximou o texto original do leitor, com nomes próprios traduzidos diretamente no texto, sem explicações; com expressões traduzidas idiomáticamente, sempre próximas do dia-a-dia da tradutora. Porém, é provável que ao confiar em seu conhecimento específico do mundo das relações públicas, a tradutora novata não se planeja anteriormente ao trabalho e julga uma das expressões de forma equivocada. Falta-lhe, ainda, a técnica mais apurada da tradutora experiente e a inclusão das três fases distintas que como diz Alves (2005, p.147) são aquelas que agregam competência.

Para concluir, sendo este apenas um estudo de caso é possível afirmar que muito ainda resta verificar dentro deste âmbito de estudo, mas este é um primeiro passo para pensar o tema e, principalmente, pensar o fazer tradutório para torná-lo mais eficiente e consciente em um mundo diversificado em linguagens e sentidos e, a cada dia, mais globalizado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio et alii. **Competência em Tradução - Cognição e Discurso**. **Humanitas**, 2005.
- ANTUNES, M. A. G. **Um Estudo sobre o Feedback Escrito em Redações de Aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993, 128 fl. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada.
- BELL, R. **Translation and Translating: theory and practice**. London: Longman, 1991.
- BARBOSA, H. **Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta**. Campinas: Editora Pontes, 2004.
- BENEVIDES, Ricardo. Uma nova proposta para a comunicação dirigida nas empresas. In: Lucas, Luciane (org.). **Com Credibilidade não se brinca**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- CASTRO, Marcelle de Souza. **Tradução Ética e Subversão: desafios práticos e teóricos**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2007. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Letras.
- COLLINS COBUILD ENGLISH LANGUAGE DICTIONARY. London & Glasgow: Collins, 1990.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- GEE, J. P. **An Introduction to Discourse Analysis – theory and method**. London: Routledge, 2001
- HENRIQUES, Cláudio Cezar e Simões, Darcilia. **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008.
- JAKOBSEN, Arnt Lykke; LASSE, Schou. **Translog Documentation. Probing the Process in Translation. Methods and Results**. Ed. Gyde Hansen. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999.
- LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. Harlow: Longman, 1986.
- MICHAELIS DICIONÁRIO ILUSTRADO. 61. São Paulo: Melhoramentos, 1998, v.1. Inglês-Português; v.2. Português-Inglês.
- Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.8, p.110-135, 2018.

MOSSOP, Brian. “*Translating Institutions and ‘Idiomatic’ Translation*”. **Meta**, vol. 35, n° 2, 1990, p. 342-355. York University, Ontario, Canada: Erudit, 1998. <http://id.erudit.org/iderudit/003675ar>

NIDA, E. Toward a science of translating. Leiden: E. J. Brill. Principles of translation as exemplified by Bible translating. In: BROWER, R. A. **On translation**. Oxford: Oxford University Press, 1964/1966. p.11-31.

NOVO DICIONARIO AURÉLIO DA LINGUA PORTUGUESA. 2. ed. rev.amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OXFORD ADVANCED LEARNER’S ENCYCLOPEDIA. Oxford: Oxford University Press, 1993

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

VASQUEZ-AYORA, G. **Introducción a la traductología: curso básico de traducción**. Washington Georgetown University Press, 1977.

VINAY, J. P. DARBELNET, J. (1958) **Stylistique comparée du français et de l’anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier, 1977.